

Antonio Corrêa de Lacerda*

O cenário econômico e seus desafios

Maior expectativa de vida e urbanização estão mudando o perfil da demanda



Além das questões do curto prazo, envolvendo questões relativas à produção, juros, câmbio, etc., a economia brasileira precisa conviver com as grandes transformações estruturais em curso. Parte dessas alterações são globais, mas há outras específicas da nossa realidade. O desafio é gerir bem o curto prazo, sem perder de vista as grandes tendências e seus impactos para o futuro.

Há, por exemplo, mudanças estruturais significativas na população brasileira. Em 37 anos, a população brasileira dobrou. Éramos 90 milhões de habitantes da década de 1970 e quase 190 milhões hoje. Para 2050, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que seremos 260 milhões de brasileiros. A expectativa de vida, ao nascer, vem crescendo e será, até lá, de 81,3 anos, a mesma dos japoneses hoje. O envelhecimento da população está se acentuando: em 2000, o grupo de 0 a 14 anos representava 30% da população brasileira, enquanto os maiores de 65 anos eram apenas 5%; em 2050, os dois grupos se igualarão em 18%. Isso, além de importante indicador de aumento da qualidade de vida, também representa transformações sociais e mercadológicas, principalmente nos âmbitos da saúde e previdência, mas não restritos a eles.

O outro fenômeno relevante é o da urbanização crescente. Trágica, por ocorrer de forma desorganizada e gerar impactos relevantes no meio ambiente, não há dúvida de que o fenômeno significa melhora significativa do acesso a produtos e serviços. Especialmente em um país com a extensão territorial do nosso, o que torna impraticável o forne-

cimento adequado de serviços médicos a toda a população.

Os dois fenômenos conjugados, maior expectativa de vida e urbanização ampliam a demanda, naquilo que nós economistas chamamos de "economias de escala". Isto é, a economia decorrente do barateamento dos custos fixos por unidade de



produto ou serviço oferecido. Isso, na prática, para a medicina, por exemplo, significa a possibilidade de melhor amortização de investimentos em equipamentos sofisticados viabilizando diagnósticos e tratamentos diferenciados.

Mais especificamente no que se refere ao âmbito da economia, o quadro é bastante favorável, a começar pelo cenário internacional benigno. Vivemos, a partir de 2002, a melhor fase da economia mundial desde a década de 1970, que combina crescimento econômico próximo de 5%, inflação e juros baixos, elevação de investimentos e do comércio entre os países.

Essa fase de opulência também traz suas armadilhas, como a valorização das moedas locais, por exemplo, fenômeno ampliado no Brasil, não só pela receita gerada das exportações de commodities, mas também da prática de juros reais elevados.

Sob a ótica internacional vale ainda destacar que, além dos

EUA, tradicional locomotiva da economia mundial, o crescimento no período mais recente tem sido puxado também por China e Índia, economias gigantes emergentes que tem demandado crescentes montantes de produtos básicos, matérias-primas, serviços e equipamentos.

Do ponto de vista qualitativo, o grande desafio da economia mundial será combinar essa fase favorável de

crescimento com o desenvolvimento sustentável, não só do ponto de vista econômico, mas também ambiental e social. O problema do aquecimento global e suas consequências nefastas, até então assunto apenas restrito aos ambientalistas, entrou na pauta dos grandes temas relevantes para o presente e futuro da humanidade.

Esse quadro internacional cria ao mesmo tempo oportunidades e desafios para o País. A economia brasileira também vive uma situação inédita nas últimas décadas. Poucas vezes na história vivenciamos uma combinação tão favorável, que inclui inflação sob controle, contas externas

superavitárias, reservas externas próximas de US\$ 150 bilhões. É uma situação inversa à que vivenciamos em décadas anteriores, principalmente com as restrições decorrentes da dívida externa, a inflação e a instabilidade de regras, com as constantes mudanças na política econômica e os "pacotes" governamentais.

Os cenários externo e interno favoráveis abre grandes possibilidades de redução de taxas de juros, aumentos de exportações e de investimentos em infraestrutura e produção. Mas isso não ocorrerá de forma automática. Vai depender muito das escolhas que são e serão feitas na política econômica. As possibilidades de um crescimento econômico maior do que a média dos últimos anos são evidentes. O crescimento da economia não representa tudo. Mas é fundamental para a melhora da qualidade de vida da população, uma vez que fatores determinantes, como emprego e salários, por exemplo, dependem fundamentalmente de uma economia em crescimento.

Com a queda dos juros deverá ocorrer um direcionamento das aplicações, hoje concentradas no mercado financeiro, para outras atividades. Como o mercado produtivo apresenta oportunidades, isso fará os investimentos crescerem. Dois fatores podem comprometer esse quadro favorável: se houver uma mudança de rumos na economia mundial, ou ainda, se o governo brasileiro insistir e exagerar muito na apreciação do real, temas que já tratamos em outras colunas anteriores.

* Professor-doutor do Departamento de Economia da PUC-SP. Próximo artigo do autor em 19 de julho